

RESENHA



Crise e Pandemia

MASCARO, A. L. *Crise e Pandemia*. Coleção Crise Pandemia. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

Karoline Claudino Guimarães*

Decerto, o nefasto cenário que vem se desenhando no território brasileiro ante ao aprofundamento da crise sanitária da Covid-19 e da agudização da crise estrutural do capital exige uma leitura tanto mais analítica quanto mais embasada, nos termos de uma perspectiva crítica, pelo conjunto da sociedade. Nessa ótica, a coleção da editora Boitempo, *Crise Pandemia*, traz autores de peso em análises conjunturais, como Alysson Mascaro, Virgínia Fontes e Ricardo Antunes. Tais apresentam reflexões nevrálgicas conforme versa a tradição crítica marxista. Elencando, ainda, temáticas que permitem o necessário exercício de uma leitura da sociedade atual articulado à historicidade dos fatos e seus desdobramentos para os tempos hodiernos.

O primeiro volume da coleção é o “*Crise e Pandemia*”, do jurista e filósofo Alysson Leandro Mascaro, do qual trata-se esta resenha. A narrativa é breve para um livro, porém, trata-se da proposta da coleção, que trouxe uma série de livros cuja intenção é justamente a promoção de uma reflexão crítica, com bases científicas sólidas, mas que componham uma estrutura de narrativa curta e objetiva.

Em poucas páginas, Mascaro faz-se imprescindível para uma compreensão do Brasil diante da crise sanitária do Novo Coronavírus, haja

* Mestranda do Programa de Pós-graduação de Serviço Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) - bolsista CAPES. Especialista em Políticas Sociais e Intersetorialidade pelo Instituto Fernandes Figueira (IFF/FIOCRUZ). Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: karolinesclaudino@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6546-4955>.

vista a agudização da crise capitalista que já se aprofundava no país – e ao redor do mundo – e as possibilidades *à posteriori*. Sua articulação histórica com fatos que permeiam o cenário político, econômico e social brasileiro e mundial consagram a obra como uma leitura indispensável para entender a relação da crise estrutural capitalista e da crise da Covid-19 ante ao contexto político caótico que é o governo de Jair Messias Bolsonaro e as nefastas consequências do Estado mínimo na condução da pandemia.

A obra divide-se em duas partes, sendo a primeira, denominada “A crítica”, tratando-se justamente de uma crítica ferrenha e muito bem fundamentada ao modo de produção capitalista e ao Estado neoliberal, sem perder de vista o contexto pandêmico e seus sepulcrais (nos termos mais literais da palavra) desdobramentos na atualidade.

Para isso, Mascaró assinala a natureza destrutiva do sistema capitalista que reduz a vida social em mercadoria e o fato da crise sanitária do Novo Coronavírus tratar-se não apenas de um fator de natureza biológica, mas de determinações históricas e marcos sociais. O título do primeiro tópico em si já determina o ponto de vista do autor, nele, lê-se: “nem acaso da natureza, nem má-sorte: trata-se da crise de um sistema já estabelecido e de contradições patentes”.

Pois, Mascaró analisa o *modus operandi* do capitalismo enquanto produtor e reiterador de relações sociais adoecidas, onde, a apropriação privada dos meios de produção obstaculizam o sustento material (e imaterial) dos seres humanos, que o fazem através da venda da sua força de trabalho. Sabe-se, porém, que a sociedade capitalista subsiste pela produção de riqueza concomitante à produção miséria, o que divide a classe trabalhadora em trabalhadores que efetivamente conseguem o privilégio servir ao capital através da venda da sua força de trabalho e, por outro lado, em trabalhadores que não dispõem de possibilidade de ingressar no mercado empregatício.

Essa dinâmica antagônica é basilar para compreender os desdobramentos das relações sociais que se estabelecem na sociedade contemporânea. Afinal, dela, originam-se, conforme infere o autor, os flagelos, que também são chamados de expressões da questão social. Mascaró destaca o desemprego, as habitações precárias para se manter em quarentena, a contaminação nos transportes coletivos excessivamente lotados e o sistema público de saúde cada vez mais sucateado como condições históricas desse modo de produção. É por isso que o autor frisa que, ante a agudização das mazelas engendradas pelo capital, o Estado pode não ser capaz de mitigar tais efeitos por meio das políticas públicas. De forma que apenas a superação desta ordem social pode ser efetiva.

Ainda na primeira parte da obra, Mascaró discorre sobre a falácia da crise do Estado neoliberal ser o fator determinante para a crise sanitária. Isto é, a dinâmica neoliberal iniciada com a reestruturação produtiva pós-fordista apesar de contribuir para aprofundar os flagelos sociais por meio

do Estado maximizado em função do capital e reduzido para o social, trata-se de uma crise estrutural. O autor afirma que o próprio neoliberalismo manifesta-se como parte estrutural do desenvolvimento do sistema capitalista e suas estratégias para contorná-lo. “O neoliberalismo não é um desvio da acumulação, mas sua majoração” (MASCARO, p. 9, 2020).

Ademais, o jurista e filósofo realiza uma análise extremamente contundente da sociabilidade capitalista na subjetividade dos sujeitos, que, mesmo enquanto classe trabalhadora, inconscientes e alienados de tal, sem organicidade política, econômica e social, encontram-se completamente desconexos e alheios à luta de classe. Tais sujeitos não contribuem com a busca pela superação do modo de produção capitalista. Ao contrário, reiteiram suas contradições, “são elementos de expansão e propagação dessas mesmas formas de sociabilidade em crise” (MASCARO, 2020, p. 11).

Como desfecho dessa primeira parte da obra, Mascaro destaca a particularidade brasileira de crises precedentes e saídas cada vez mais favoráveis ao capital. Hoje, com Jair Bolsonaro, anteriormente com Michel Temer e os finais do governo petista de Dilma Rousseff e, ainda, com Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso. Tais governos fortaleceram a extrema-direita e o projeto neoliberal, mas o período atual, sob comando do chefe de Estado, um militar reformado, evoca-se o militarismo, trazendo à tona o passado mal sepultado da ditadura militar, como possibilidade única de solucionar a crise. Mascaro rememora a subserviência aos Estados Unidos, com Castelo Branco na presidência e sua verossimilhança com a conduta saudosista bolsonarista. Para ele, assim como o ex-presidente norte-americano Donald Trump, Jair Bolsonaro supõe a crise para contornar outra crise. Isto é, vale-se da crise sanitária, apresenta-se negacionista em relação ao quadro pandêmico, deixando-o agravar-se a níveis cada vez mais nefastos, no sentido de escamotear a crise capitalista que subsiste e a incompetência governamental de contorná-la. É a “crise como reação à crise” (MASCARO, p. 13, 2020).

Para a segunda parte da análise, cujo título é “A luta”, Mascaro revela algumas das possibilidades de superação dessa ordem social, a partir do agravamento da crise estrutural somada à crise sanitária. Para ele, a pandemia tanto agudiza a crise capitalista existente que pode afetar de tal forma a sociabilidade burguesa que abrem-se diversas possibilidades históricas para mudanças dessa realidade social.

Isto é, principalmente no Brasil, trata-se de um “caso-limite do experimento da extrema-direita contemporânea, com o neoliberalismo simbolizado por Paulo Guedes tendo exaurido muitas das possibilidades de contraposição desenvolvimentistas” (MASCARO, p. 17, 2020). E o produto disso é o flagelo social em níveis inimagináveis para a classe trabalhadora. De modo que não apenas espoliada e tendo aviltados seus padrões de vida, tal classe se deparará com um cenário de brutal desemprego e insuficiência de intervenção estatal voltada para o social.

Diante disso, a cúpula de Jair Bolsonaro e a extrema-direita como um todo poderá se encontrar acuada ante a insatisfação das massas, reagindo com maximização da repressão e maior apoio do aparato militar. Sobretudo por conta da incapacidade governamental do Presidente da República, onde não consegue responder com rapidez e eficiência às crises. Seu trunfo é, então, recorrer ao autoritarismo e a manipulação ideológica da extrema-direita, haja vista propostas cada vez mais reacionárias. Ou seja, “eventualmente, a solução será um golpe dentro do golpe” (MASCARO, 2020, p. 17).

Conforme infere Mascaró, o fracasso material do neoliberalismo contrarresta com o sucesso ideológico do mesmo, que conseguiu, desde a reestruturação produtiva subjetivar o empreendedorismo e as flexibilizações trabalhistas como ponto positivo no imaginário da classe trabalhadora. Ocorre, porém, que as investidas para saída de tamanha crise só podem dar-se em fases. O autor ressalta que não será um movimento linear ou teleológico, mas que possibilita a criação de saídas emancipatórias à medida em que as respostas às crises se dão cada vez mais por meio da repressão e espoliação das massas, por sua vez, tanto mais insatisfeitas. Isso não significa que a superação da ordem social capitalista estaria dada. Pelo contrário, o autor assinala que é muito mais propício ao capital contornar a crise com mais capitalismo do que uma possibilidade socialista subsumir tal ordem. Sem reação social o contexto poderá ampliar o capitalismo, não freá-lo. A alternativa ao socialismo será, então, barbárie. As possibilidades civilizatórias do capitalismo exauriram-se, e a pandemia só torna o cenário ainda mais nefasto.

Por conseguinte, a desfuncionalização da dinâmica capitalista econômica engendrada pela agudização da crise estrutural e sanitária clarificam ainda mais a completa falta de “limite moral, ético ou humanista ao capital: a sociedade capitalista é apenas a sociedade da marcha da acumulação” (MASCARO, 2020, p. 20). Sem uma alternativa revolucionária, o combate da crise será com mais crise, com novas formas de garantir a acumulação na tentativa de resolver a crise de valorização do valor. Primeiramente, a saída capitalista dá-se pelas vias estatais. Porém, o esfacelamento da classe trabalhadora é o que abre, mais uma vez, um leque de possibilidades alternativas à barbárie capitalista.

Por fim, reitera-se que Mascaró não infere que a superação do capitalismo está dada com uma alternativa socialista. Porém, o surgimento de tais possibilidades são inegáveis. Caberá, portanto, às massas, mediante a inconformidade com a impossibilidade de reprodução material, valerem-se das brechas, fortalecendo movimentos sociais, sindicais e lideranças revolucionárias.

O autor finaliza a brilhante e necessária análise afirmando que há, sim, esperança na luta. Pois, essa união e organicidade da classe trabalhadora, através de uma consciência de classe poderá recrudescer a partir

dos obstáculos para sua reprodução material diante da crise e da clara postura do governo de desimportância das vidas trabalhadoras.

Conforme apontou Mascaro, não há linearidade e nem teleologia na história. Ou, como dito por Karl Marx, em na sua brilhante obra “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte”:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial. (MARX, 2011, p. 25-26)

Referências

MASCARO, A. L. *Crise e Pandemia*. Coleção Crise Pandemia. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

MARX, K. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Boitempo. São Paulo: 2011. Coleção Marx-Engels) 1ª edição.

DOI: 10.12957/rep.2021.60316



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.